

***“A Globo não escondeu o Pan, escondeu o Brasil”***

[Honorilton Gonçalves, vice-presidente da Rede Record]

## **INTRODUÇÃO: situando o problema e os caminhos da pesquisa**

*Giovani De Lorenzi Pires (org.)*

Tão logo os Jogos Panamericanos de Guadalajara/2011 foram encerrados, o vice-presidente artístico e de programação da rede Record, Honorilton Gonçalves, concedeu entrevista ao portal UOL e acrescentou mais um agravo ao debate público que a emissora estabeleceu com a Rede Globo de Televisão, desde que obteve os direitos de televisualização do Pan/2011 para todo o Brasil. Conforme a epígrafe que abre essa Introdução, Gonçalves acusou a Globo de ter escondido, mais que o Pan, o próprio Brasil, dos torcedores brasileiros!<sup>1</sup> Apesar dessa afirmação soar contraditória, já que a sua emissora, que adquiriu a exclusividade da transmissão do Pan, impediu, por contrato, que as demais redes pudessem até mesmo gerar imagens de flagrantes jornalísticos nos espaços das arenas, piscinas e quadras e demais locais de disputas olímpica, inclusive a Vila dos Atletas. Mas na guerra por audiência,

---

<sup>1</sup> <http://pan.uol.com.br/2011/ultimas-noticias/2011/10/31/globo-nao-escondeu-o-pan-escondeu-o-brasil-acusa-vice-presidente-da-record.htm> [31/10/2011]



vale tudo (ou quase!).

Na verdade, tratava-se apenas de mais um dos acontecimentos extra-campo esportivo que incrementaram essa nova experiência televisiva vivida pelos torcedores brasileiros, ao menos para aqueles com mais de 30 anos, pois desde a década de 80 quase todos os grandes eventos esportivos mundiais foram transmitidos, com exclusividade, pela Rede Globo de Televisão. E, logicamente, com a exclusão das demais redes de televisão, prática concorrencial discutível e agora replicada pela nova emissora detentora dos direitos sobre os esportes olímpicos na TV aberta brasileira.

Na perspectiva da democratização do acesso à informação na mídia, a troca de uma cobertura esportiva exclusiva (antes, da Globo) por outra, igualmente exclusiva (agora, a Record), não representou qualquer avanço no respeito aos direitos do telespectador-cidadão. Todavia, o processo de adaptação e mudança observada na transmissão do Pan/2011 pode se constituir num bom objeto de observação e análise ao olhar acadêmico que se interessa pelo tema esporte/mídia. Duas perguntas podem sintetizar a questão: em termos jornalísticos, o que a Record fez com a exclusividade adquirida? E o que as demais emissoras de televisão, como lidaram com a informação tendo acesso restrito ao evento?

Obviamente, ao trazer tal tema nessa Introdução não é nossa intenção traçar um grande balanço da cobertura do Pan Guadalajara/2011<sup>2</sup>; mas, em síntese, foi possível identificar três posições tendências principais: a) a Globo, antes soberana, tateou a esmo durante as duas semanas dos jogos, ora ignorando a competição e sonhando informação aos seus telespectadores; ora fazendo uma cobertura jornalística fraca, indecisa, com erros grosseiros e absoluta falta de planejamento; b) as demais emissoras abertas, igualmente impedidas legalmente de produzir coberturas que ferissem os direitos exclusivos adquiridos pela Record, limitaram-se a divulgar aspectos técnicos do Pan/2011, como o quadro

---

2 Um conjunto de postagens feitas pelo jornalista Erich Beting em seu blog, visando promover a um balanço da cobertura do Pan/2011 pela Rede Record, serve de base para essa nossa reflexão. Ver em: <http://negociosdoesporte.blogosfera.uol.com.br/2011/11/>



de medalhas, e a dar destaque para alguns medalhistas brasileiros; c) já a Record pagou o preço da sua própria falta de experiência e planejamento para cobrir grandes eventos esportivos; sofreu com a ausência de uma linha editorial clara, que organizasse operacional e jornalisticamente a cobertura, gerando confusões na sua grade de programação; escalou narradores que desconheciam algumas modalidades e recorreu a ex-atletas como comentaristas, os quais definitivamente não fizeram jornalismo esportivo porque não sabem, não foram preparados para isso, comportando-se em alguns momentos como torcedores, em outros, *pop stars!*

Tais reflexões preliminares poderiam ser mais aprofundadas, mas provavelmente chegaríamos a uma conclusão quase inescapável: na cobertura do Pan de Guadalajara/2011, o sofrido telespectador brasileiro da TV aberta teve que sobreviver a mais uma cobertura exclusiva, tendo sua dignidade e o respeito à sua livre escolha pelo direito de se informar outra vez aviltados pelo novo monopólio esportivo formado pela Record. E ainda teve que ficar assistindo a uma série de comparações inúteis e provocações mútuas entre Record e Globo, numa disputa cujo objetivo não é saber quem informa melhor e com mais qualidade, sob o juízo do cidadão, mas apenas decidir que, se você “Está na Record, está com o Brasil!” ou se acredita que na “Globo, a gente se vê por aqui!” Parecia, ao fim e ao cabo, que essa disputa simbólica queria saber, apenas, quem seria “mais Brasil” em Londres 2012!

A questão estaria resolvida e as conseqüências antes referidas debitadas mais uma vez no extenso passivo cultural do desassistido telespectador brasileiro, não fosse um significativo detalhe: esses episódios poderiam se repetir no ano seguinte, num evento de muito maior magnitude e tradição, que deixaria ainda mais complexa a sua cobertura, os Jogos Olímpicos de Londres/2012 (JO/2012), e que teriam, mais uma vez, cobertura exclusiva da Record para a televisão de sinal aberto no Brasil.

Se os Jogos Panamericanos nunca haviam sido um evento “do gosto” dos brasileiros e mesmo a Globo, com direitos exclusivos, investia pouco em sua transmissão (exceção à sua edição em solo brasileiro, o Pan Rio/2007), os Jogos Olímpicos, ao contrário, tinham sido, até então, um carro-chefe na programação esportiva da emissora carioca, que



construía estúdio provisório na cidade-sede, mantinha várias equipes de reportagem, ancorava dali programas e telejornais, abria espaço na sua grade para inserir transmissões “ao vivo”, e, sobretudo, aplicava na cobertura dos JO o seu alardeado “padrão Globo de qualidade”. A transferência da exclusividade para a Record poderia representar uma ruptura importante no modelo tradicional de cobertura da mídia esportiva nacional, por isso o interesse em acompanhar sua ação em um evento de maior envergadura como os JO/2012. Nossa problemática de estudo foi questionar se e como isso poderia impactar o telejornalismo, que está (ou deveria estar) para além da guerra por exclusividade e dos interesses comerciais, uma vez que informar é prestação de serviço, é compromisso formal de todas as emissoras de televisão de sinal aberto, que por lei se constituem em concessionárias do Estado.

Assim, a cobertura jornalística dos JO/2012 se apresentava como uma oportunidade interessante para nós, do LaboMídia/UFSC, pesquisadores da mídia esportiva, a fim de observarmos empiricamente as relações, nem sempre explícitas e claras, entre informação, entretenimento e publicidade. A hipótese-guia do estudo era de que poderia haver repercussões no telejornalismo esportivo das duas emissoras, influenciados pelo setor comercial daquela que detinha (Record) ou não mais (Globo) os direitos televisivos de transmissão do evento de entretenimento. Para que não se configurasse como uma análise apenas do tipo “troca de sinais” entre Globo e Record, a Rede Bandeirantes, com larga tradição no campo do jornalismo esportivo e, como a Globo, sem os direitos de transmissão, foi tomada como “testemunha” de observação.

Estudos sobre o tema (PIRES, 2002; GURGEL, 2012) tem demonstrado que as fronteiras entre o jornalismo, o entretenimento e a publicidade, tripé que constitui o discurso midiático clássico, tem se tornado cada vez mais flexíveis, trazendo questionamentos sobre a confiabilidade das informações veiculadas pela mídia, sobretudo pelas emissoras de televisão de sinal aberto. Isso se dá de forma associada ao fenômeno do “infotimento”, uma tendência do jornalismo atual, sobretudo o televisivo, que é tratar de forma superficial e com algum bom humor (típico do gênero entretenimento) aquilo que, em princípio, seriam matérias jornalísticas. O telejornalismo esportivo é um dos campos em que



tal fato se mostra mais evidente no Brasil.

Nesse sentido, nos propusemos a analisar como as três emissoras de televisão tratariam jornalisticamente do seu conteúdo informativo sobre os JO/2012 e, assim, de que maneira agiriam para informar a uma extensa parcela da sociedade brasileira, que ainda não dispõe de televisão por assinatura, a respeito do evento. Operacionalmente, o objetivo da pesquisa foi acompanhar os principais telejornais das emissoras selecionadas (Jornal da Record, Jornal da Band e Jornal Nacional/Globo), visando descrevê-los e caracterizá-los, traçando comparações entre os discursos jornalístico-esportivos<sup>3</sup> sobre a cobertura dos JO/2012.

### **ALGUNS APORTES TEÓRICOS E DA REALIDADE: CONSTRUINDO UM QUADRO DE REFERÊNCIA PARA A PESQUISA**

Nossa intenção é apresentar aqui alguns elementos teórico-conceituais preliminares, que auxiliam na reflexão sobre a conjuntura atual dos meios de comunicação, do jornalismo esportivo e suas implicações para a cultura esportiva, contribuindo assim para justificar a relevância do estudo realizado.

#### ***a) Informação e entretenimento: entre o interesse público e o interesse do público***

Com as novas tecnologias digitais surgidas no campo da comunicação, notadamente, a internet, altera-se todo o conjunto de processos relativos à informação: a produção, a distribuição e a recepção (VIDAL, 2010).

O jornalismo em tempo real ou *on line* faz com que a produção e a distribuição da informação ocorram quase simultaneamente nos portais, sites e redes sociais, que são acessados logo a seguir pelos

---

3 Ressaltamos aqui que, para análise, foi considerada apenas a cobertura jornalístico-esportiva das emissoras. Isso porque, havendo uma detentora de direitos exclusivos de transmissão dos JO, isto é, das disputas esportivas propriamente ditas, não caberia um estudo comparativo dessa com as demais, senão por um viés que, em tese, é livre a todas as emissoras, o telejornalismo.



receptores. Isso implica que a velocidade, tanto na apuração/produção da notícia e na sua disponibilização, quanto, e até por consequência, na própria forma de recepção e consumo da informação, leva a uma crescente superficialidade nos processos informacionais.

Do lado do jornalista, parece haver uma norma ou uma convicção do campo de que matérias mais elaboradas e consistentes, que exijam do receptor informações prévias (mapas de significados) sobre o assunto e maior dedicação à leitura e compreensão, tendem a não ser aprovadas ou acolhidas apenas parcialmente. Do ponto de vista do receptor, este se interessa cada vez mais pela instantaneidade da informação do que pela qualidade do conteúdo informado. Nesse “pacto de mediocridades”, a informação deixa de ter um caráter de *interesse público* e assume uma dimensão de *interesse do público*.

A distinção entre esses dois conceitos vai muito além da mera presença ou não da preposição. Para Vidal (2010, p. 4):

Pode-se conceituar a notícia de *interesse público* como aquela que contribua para o desenvolvimento intelectual, moral e físico do cidadão, com informações que possibilitem ao leitor refletir e tomar decisões em relação ao governo, à saúde, à segurança, à educação, ao trabalho, enfim, exercer a cidadania. Em suma, a notícia de interesse público tem agregado ao seu valor-notícia um valor de cidadania. É o valor que possibilita ao cidadão ter integração e participação na vida em sociedade (sem grifo no original).

Destacamos aqui a noção de que o interesse público tem uma dimensão formativa para a cidadania, sendo útil tanto individual quanto coletivamente, porque diz respeito à sociedade (ou pelo menos a parte dela) e ao sujeito, que através dessa informação, passa a dispor de informações compartilhadas, que lhe permitem fazer escolhas e levam à condição de maior autonomia.

Já o *interesse do público* refere-se àquelas informações destinadas a saciar uma curiosidade mais imediata do receptor, seja ela dramática ou insólita, pela vida de celebridades, ou de natureza mais específica, curiosidade essa forjada em grande parte, como vimos, pelos mecanismos jornalísticos de endereçar a informação conforme o desejo do



público. Tem a ver, portanto, com a privacidade e a intimidade do sujeito e remete, via de regra, para o plano do entretenimento, gênero no qual os esforços da mídia na formação de gosto do telespectador ou usuário das redes sociais parecem surtir maior efeito de adaptação e fidelização. Transportando esses tipos de interesses para o campo esportivo, podemos dizer que a transmissão dos jogos, em face da sua espetacularização, constitui-se em interesse do público, visto tratar-se de um entretenimento midiático. Por outro lado, a cobertura jornalística, contendo informações relativas à realização dos eventos, seus contextos factuais (programa, resultados, classificações, entre outros) e sobre as modalidades esportivas, por exemplo, pode ser tomada como exemplo de interesse público.

À luz do conceito de *valor-notícia*, que trata dos critérios de noticiabilidade (WOLF, 2001), essa dicotomia em relação à informação midiática também pode ser concebida como *notícias importantes*, aquelas de interesse público, e *notícias interessantes*, que se destinam ao interesse do público, conforme Correia (1997, citado por HATJE; BIANCHI, 2006).

Podemos aduzir assim que a *transmissão televisiva dos eventos esportivos* caracteriza-se como *entretenimento*, que inclusive pode incluir manifestos valores comerciais, e gera *notícias interessantes* ou *informações de interesse do público*, aquele interessado em assistir tanto as suas solenidades quanto as disputas esportivas propriamente ditas; já as *informações* relativas à programação, resultados, quadro de medalhas, conhecimento sobre as modalidades, além, é claro, de outras informações relacionadas, como por exemplo, a questões econômicas ou políticas do esporte, mobilidade urbana, legados, etc., (e que constituem o que estamos aqui chamando de cobertura jornalística), podem ser configuradas como *notícias importantes* ou *informações de interesse público*, porque dizem respeito a todos os cidadãos do país, que se encontram representados por atletas e equipes nacionais em disputa.

Desse modo, quando uma emissora detentora de direitos exclusivos de transmissão restringe a cobertura jornalística das demais ou quando emissoras não detentoras de tais direitos deixam de fazer o acompanhamento jornalístico de tal evento (até mesmo porque assim evitam alertar a sua audiência para a emissora concorrente!), estamos diante do mesmo tipo de manipulação das *informações de interesse público*, ambos os casos lesivos ao direito cidadão de acesso à notícia.



### ***b) Desafios ao campo do telejornalismo e suas implicações na cultura esportiva***

No campo jornalístico, o esporte sempre foi considerado como um assunto não prioritário, abordado normalmente por alguns poucos entusiastas, que muitas vezes se confundem com os próprios torcedores, e por profissionais recém-ingressos no campo ou com dificuldades de fixação em editorias mais importantes (BOURDIEU, 1997). Tal visão reflete-se na própria formação acadêmica do jornalista, que dificilmente pauta em seus currículos disciplinas ou outras experiências pré-profissionais tomando o esporte como objeto de estudo.

Não temos elementos para julgar se mudanças significativas vêm ocorrendo na formação acadêmica, mas no campo profissional, em virtude da capacidade de captar publicidade e patrocínios, o esporte passou a ser visto como um assunto mais interessante, ao menos para a editoria de economia, que entendeu a importância econômica do “negócio do esporte” (SILVA; PIRES, 2009). Sobretudo agora, quando o país vive a chamada década do esporte (do 2007–Pan/Rio ao 2016–JO/Rio) e que grandes investimentos públicos vêm sendo realizados em infraestrutura viária, aeroportuária e esportiva<sup>4</sup>.

Cabe, então, uma problematização ao jornalismo esportivo, referente à discussão sobre qual o seu papel no âmbito das coberturas dos megaeventos que acontecem no período referido no Brasil. Um fato que precisa ser acrescentado é que, não de hoje, o esporte vem se inserindo cada vez mais no campo do espetáculo e do entretenimento de massa, e isso significa uma dificuldade a mais para o fazer jornalismo no âmbito esportivo. O jornalismo esportivo tem contribuído muito mais para construir ídolos e mitos para o espetáculo esportivo (e vender produtos) do que cumprir com seu pressuposto profissional que é informar com ética aquilo que é do interesse público (BARBEIRO; RANGEL, 2006, citados por GURGEL, 2009).

---

4 Não desconhecemos as críticas ao modo como o poder público, nos três níveis de governo, vem investindo verbas públicas em obras questionáveis, muitas delas incompletas, desnecessárias ou sob suspeita de superfaturamento. Todavia, não é do foco desse estudo a análise dessa dimensão dos megaeventos esportivos no Brasil.





Em outras palavras, parece que o jornalismo esportivo não cabe mais nas expectativas e parâmetros do conceito, da técnica e do próprio objeto de cobertura jornalística (GURGEL, 2009). A informação e entretenimento esportivo entrelaçaram-se, tendo como pano-de-fundo os aspectos mercadológicos (direitos de imagem, patrocínio, publicidade, etc.). A pergunta que o autor formula é se ainda é possível pensar num jornalismo clássico, voltado à informação esportiva, em tempos de mercadorização/espetacularização do esporte?

Por conta do atual momento do esporte, de grande concentração dos meios e de dependência crescente das verbas de patrocínios, as coberturas esportivas na televisão aberta têm se limitado a uma gama pequena de esportes e de eventos esportivos a serem acompanhados, numa lógica de não dividir demais o bolo (verbas publicitárias), quando até mesmo a tradição esportiva tem sido cotejada pelas expectativas financeiras que tais esportes e eventos podem efetivamente concretizar. Neste sentido, haveria ainda espaço para um jornalismo esportivo que incentive práticas culturais voltadas para a cidadania e para a construção de uma sociedade melhor?

As dificuldades para responder a tais questionamentos começam já pela própria caracterização do telejornalismo esportivo, que pode ser considerado um subgênero do gênero jornalístico televisivo<sup>5</sup>. Não há dúvidas de que um dos elementos identificadores do jornalismo esportivo na televisão é a informalidade, tanto do ambiente quanto do texto, estilo inaugurado pelo Esporte Espetacular da rede Globo, desde 1973, seguido hoje pelo Globo Esporte (SILVA, 2005). A autora cita Décio Lopes, um dos editores desse programa, para quem: “[...] o esporte estava passando por uma mudança que a televisão não tinha entendido. Nossa proposta foi transformar um fato esportivo em evento de entretenimento”. Isso revelaria uma tendência geral do telejornalismo; pautas mais leves, notícias contadas de forma lúdica ou jocosamente dramática,

---

5 Martin-Barbero (1995, citado por SILVA, 2005) considera os gêneros como estratégia de comunicabilidade entre o programa e o telespectador, promovendo a interação entre ambos. Além de orientação à produção, o gênero é também uma estratégia de leitura, que facilita a interpretação do conteúdo.



locação direta com o telespectador<sup>6</sup> são algumas das estratégias. Assim, temas mais informativos, relacionados às interfaces do esporte com “temas mais sérios”, como a economia e a política, deixam de fazer parte da pauta de “novo” telejornalismo esportivo.

Outra dificuldade para se definir a identidade desse subgênero está na sua associação com um tipo de programação híbrida, meio jornalismo e meio entretenimento (ou muito entretenimento, em alguns), que são as mesas-redondas na televisão, em que se debatem fatos do esporte, emitem-se opiniões, conversam-se com os atores do esporte (técnicos, atletas convidados), ouvem-se os comentários dos telespectadores, sorteiam-se prêmios e faz-se muita publicidade e *merchandising*.

O campo jornalístico-esportivo tem o desafio profissional de buscar o equilíbrio entre o espetáculo esportivo, que precisa cobrir, e as demais demandas da sociedade por esporte e lazer que garanta o acesso e a participação de todos. Neste sentido, Maluly (2010) trata de algumas propostas visando a refundação da atividade do jornalismo esportivo, notadamente diante das responsabilidades de informar com qualidade para além do futebol<sup>7</sup>. Para o autor,

Os jornalistas [esportivos] estão envolvidos na dura tarefa de cobrir os eventos [olímpicos] e, ao mesmo tempo, estarem atentos e desconfiados quanto à questão dos investimentos em infraestrutura, que envolve desde o desenvolvimento das várias modalidades, especialmente as pouco conhecidas [...], até a questão política de saber quem são os integrantes das comissões fiscalizadoras (MALULY, 2010, p. 3)

Entre outras sugestões para o fazer jornalístico, ele refere-se a: a) envolvimento do jornalista com outras modalidades esportivas, seja praticando, seja como um observador mais próximo (da mesma forma que o jornalista de futebol prática a modalidade ou a acompanha cotidianamente); b) conhecimento de suas regras, termos técnicos, táticas,

---

6 Inaugurado pelo “Alô, você!”, célebre bordão do veterano apresentador Leo Batista.

7 Segundo o autor, o futebol, por estar envolto numa atmosfera de paixão e ser “entendido” por todos, tem maiores dificuldades em se recriar.



etc.; c) criação de um banco de dados próprio sobre as modalidades olímpicas [porque as emissoras dificilmente dispõe desse arquivo], contendo informações sobre suas formas de organização, resultados mais expressivos de países e atletas, trajetória esportiva dos mesmos, etc. d) muito cuidado com assessorias de imprensa, sobretudo *releases* (material impresso distribuído) e *briefings* (pequenas entrevistas), porque embora se trate de informações, essas tendem a ser matizadas pelos interesses dos representados (atletas, clubes, instituições).

Nesse universo de ações que desafiam o jornalista esportivo na apuração e escrita da informação, há ainda a obrigação de repensar as formas da sua apresentação. Se o modelo fulcrado no entretenimento é o que vige, então é preciso muita criatividade para, a despeito disso, informar com clareza, isenção e responsabilidade social. O jornalismo esportivo pode ser uma ferramenta para a consolidação da democracia no país, incentivando e dando visibilidade a movimentos sociais organizados que se coloquem na contra-corrente da espetacularização do esporte (GURGEL, 2009). São exemplos disso, os movimentos populares de resistência de comunidades atingidas por obras dos megaeventos ou a organização autônoma de associações de esportes amadores, normalmente ausentes dos noticiários esportivos rendidos à lógica do espetáculo.

Outro aspecto a ser destacado é que o jornalismo esportivo no Brasil possui papel relevante no que se refere à formação da opinião pública sobre o esporte e suas manifestações na sociedade. É possível dizer que a atuação dos meios de comunicação, especialmente a televisão aberta, não se restringe a informar/atualizar o telespectador sobre resultados, mas promove também o agendamento<sup>8</sup> de eventos esportivos, faz transmissões “ao vivo”, interfere nos modos como consumimos o esporte e seus especialistas nos dizem o que é esporte. Nesse sentido, pode-se afirmar que a televisão contribui significativamente para aquilo que Pires (2014) chama de cultura esportiva, dotada de representações e sentidos sobre o esporte que são incorporadas e compartilhadas socialmente.

Consequentemente, isso leva a uma “inversão de sentidos da experiência” (BETTI, 2009), já que, influenciados por essa cultura esportiva,

---

8 Ver mais sobre agendamento ou *agenda-setting* em: Mezzaroba; Pires (2010) e Mezzaroba; Messa; Pires (2011).



os espectadores passam a se relacionar com o esporte-teleespetáculo (BETTI, 1998) por meio dessa mediação tecnológica, estabelecendo uma relação de meros consumidores de produtos midiáticos e deixam de lado a experiência formativa que pode ser oportunizada pela prática do esporte e do lazer (PIRES, 2003).

Por outro lado, reconhecendo que os meios de comunicação se constituem como uma potente agência formadora da educação humana no seu sentido amplo, acreditamos que o jornalismo esportivo quando produzido com responsabilidade e comprometido com a veiculação de notícias com caráter formativo pode contribuir para qualificar a cultura esportiva nacional do ponto de vista da sua apropriação técnica do esporte (informando sobre formas de jogar, regras, nomes de modalidades, etc.) e do seu aprofundamento crítico (instigando o pensamento reflexivo quanto as questões sócio-culturais e político-econômicas que circundam o esporte) pelo público espectador.

## FUNDAMENTAÇÃO E TRILHAS METODOLÓGICAS DO ESTUDO

Conforme é típico em pesquisas que se inserem no campo dos estudos de observatórios de mídia, podemos caracterizar essa investigação, quanto ao tipo de abordagem sobre o recorte da realidade, como um estudo observacional-descritivo (CHRISTOFOLLETI; MOTTA, 2008), cuja mirada em relação aos Jogos Olímpicos de Londres/2012 objetiva compreender, interpretar e comparar a dimensão informativo-jornalística da mídia esportiva na televisão aberta, através dos enquadramentos praticados.

A base teórico-metodológica orientou-se pela Teoria do Enquadramento (*Frame Analysis*), fundamentada na teoria da moldura, oriunda do interacionismo simbólico de Goffman (1986) e em uma releitura feita para o jornalismo por Tuchman (1993)<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> A Teoria do Enquadramento será melhor explicada a seguir (Capítulo 1), em texto elaborado pelo professor Gustavo Roese Sanfelice, autor da tese *Os enquadramentos*



Para Robert Entman (1993), enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade e fazê-los mais destacados em uma narrativa midiática, de maneira a promover uma visão particular da questão e propor interpretações ou avaliações morais sobre ela. Antunes (2009) refere-se aos *frames* como formas ligadas à estruturação do discurso, como um pano de fundo que, a partir de elementos postos em evidência (ou obscurecidos), propõe uma interpretação dos textos midiáticos.

É razoável supor que as escolhas relativas ao ato de enquadrar estejam intimamente ligadas à ideologia do jornalista e do veículo (projeto editorial), ou ainda a interesses comerciais, sobretudo desses. Nesse sentido, a análise de enquadramento privilegia a busca por identificar e compreender as ideologias e outras preferências presentes em um discurso jornalístico (MESQUITA, 2011).

Também é possível compreender o conceito desde a clássica metáfora da mídia como uma “janela para o mundo”:

As pessoas apenas enxergam o mundo através da moldura de uma janela. Se a moldura da janela é muito pequena, as pessoas só enxergarão uma pequena parte do mundo. Se a janela na parede é voltada para o oeste, as pessoas apenas enxergarão o oeste [...]. Em outras palavras, a mídia pode mostrar apenas uma pequena parte do mundo a partir de um particular ponto de vista. (PARK, 2003, citado por LEAL, 2007, p.1).

Se os estudos de *agenda-setting* têm mostrado resultados importantes sobre **o que** a mídia impõe como assunto relevante e que se integra à agenda social, a análise do enquadramento explicita **como** ela divulga determinado acontecimento, ou seja, como o jornalista nos diz sobre os acontecimentos que noticia. A teoria dos frames pode ser até mesmo considerada como um segundo nível dos estudos de agenda-setting (GUTMANN, 2006).

Assim, lembramos que o objetivo da pesquisa, já referido, foi analisar os principais telejornais das emissoras selecionadas (Jornal da

---

dos jornais Zero Hora e Folha de São Paulo na cobertura de Daiane dos Santos nos jogos olímpicos de Atenas/2004: a midiaticização do resultado esportivo (Ciências da Comunicação, UNISINOS, 2007).



Record – JR; Jornal da Band – JB; e Jornal Nacional – JN/Globo), visando reconhecer e comparar os enquadramentos dos discursos jornalísticos na cobertura dos JO/2012<sup>10</sup>. O período de observação foi o mesmo da realização do evento, acrescentado do dia seguinte ao encerramento<sup>11</sup>, portanto, de 25/julho a 13/agosto/2012.

Todas as edições dos telejornais foram clipadas em áudio e vídeo e assistidas pelos pesquisadores envolvidos no projeto, na intenção de identificar temas recorrentes e presentes na cobertura jornalística das três emissoras, de modo a possibilitar o estudo comparativo dos seus enquadramentos. Dessa pré-análise, resultou a escolha de quatro recortes temáticos percebidos nos três telejornais, que se constituíram em subprojetos da pesquisa e são apresentadas aqui como capítulos:

Capítulo 2, que tem como foco os atos da solenidade de abertura dos JO/2012; esse tema ganhou importância por conta de ser o primeiro impacto produzido entre telespectadores, que “descobriram” ali que a Globo não iria transmitir os JO/2012;

Capítulo 3, abordando o torneio de futebol olímpico masculino; a relevância de observar o futebol masculino se deve, sobretudo, ao fato de que era mais uma tentativa do Brasil em alcançar o único título mundial que não dispõe, a medalha de ouro olímpica;

Capítulo 4, que se deteve no acompanhamento do discurso sobre a trajetória do ginasta Arthur Zanetti; quando todas as atenções estavam voltadas para o conhecido ginasta Diego Hipólito, foi interessante verificar como os telejornais “correram atrás do prejuízo” para personificar a informação e criar a figura de um ídolo até então desconhecido;

Capítulo 5, dedicado a analisar as repercussões da solenidade de encerramento dos JO/2012; o encerramento dos jogos de Londres representou uma transição para o Rio/2016 e ensejou um olhar sobre como a cultura brasileira seria apresentada ao mundo, significando também a abertura de um agendamento que duraria quatro anos.

---

10 Não é do intuito da pesquisa quantificar as mensagens ou identificar as temáticas de maior ocorrência, mas sim buscar reportagens cujo conteúdo se referisse à cobertura jornalística televisiva dos JO/2012, visando refletir comparativamente sobre a construção do discurso midiático-esportivo.

11 O encerramento ocorreu num domingo, dia em que não há edição dos telejornais acompanhados; por isso, incluímos o dia seguinte, isto é, a segunda-feira, dia 13/8, no *corpus* de análise, que acabou denominado pelo subgrupo específico como o *Day After*.



Para a organização e análise do material específico, selecionado pré-análise, cada subgrupo teve autonomia para escolher e adaptar, conforme a necessidade, a sua estratégia interpretativa. Em geral, os subgrupos recorreram, alguns mais outros menos, às ferramentas da análise de conteúdo (BARDIN, 2009). A sistematização e discussão em cada subgrupo da pesquisa deram-se através da construção de categorias empíricas de análise, isto é, identificadas e extraídas do material coletado. As descrições e interpretações sobre os enquadramentos procedidos, em cada subgrupo, ocorreram de forma simultânea, isto é, internamente a cada telejornal observado, e de maneira comparativa entre os três telejornais acompanhados, e estão expressas nos capítulos que compõem essa obra.

Ao final, com um rearranjo de pesquisadores representando os quatro subgrupos, construíram-se considerações finais do estudo que, através de uma leitura transversal aos relatórios dos subgrupos, ressaltam “achados” da pesquisa, isto é, temas e formas específicas de enquadramentos procedidas, passando por temas como infotimento, agendamento, nacionalismo, redes sociais e imagens da identidade nacional brasileira/carioca.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, E. Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 85-99, dez. 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**, Ed. revista e atualizada. Lisboa: Edições 70, 2009.

BETTI, M. **Janela de vidro**: educação física, esporte e televisão. Campinas: Papirus, 1998.

\_\_\_\_\_. Copa do mundo e jogos olímpicos: inversionalidade e transversalidades na cultura esportiva e na Educação Física escolar. **Motrivência**, Florianópolis/SC, ano XXI, nº 32/33, p. 16-27. Jun-Dez./2009.



BIANCHI, P.; HATJE, M. Mídia e esporte: os valores-notícia e suas repercussões na sociedade contemporânea. **Motrivivência**, Florianópolis/SC, ano XVIII, n. 27, dezembro/2006.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

CHRISTOFOLETTI, R.; MOTTA, L. G. (orgs.). **Observatórios de mídia: olhares da cidadania**. São Paulo: Paulus, 2008.

ENTMAN, R. M. Framing: Toward Clarification of Fractured Paradigm. **Journal of Communication**, v.43, n 4, p. 51- 58, 1993.

GURGEL, A. Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos. **Motrivivência**, Florianópolis/SC, ano XXI, nº 32/33, p. 193-210, Jun-Dez. /2009.

\_\_\_\_\_. O papel do jornalismo nos megaeventos esportivos. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 35, **Anais...** Fortaleza, 3 a 7/9/2012.

GUTMANN, J. F. Quadros narrativos pautados pela mídia: framing como segundo nível da agenda- setting? **Contemporanea**, v. 4, n. 1, jun/2006

LEAL, P. M. V. Jornalismo político brasileiro e a análise do enquadramento noticioso. Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa em Comunicação e Política, 2, **Anais...** Belo Horizonte, dezembro, 2007.

MALULY, L. V. B. Jornalismo esportivo – desafios e propostas. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 33, **Anais...** Caxias do Sul, 2-6/9/2010.

MESQUITA, F. A. Esporte é (apenas) entretenimento? O lado político e econômico da cobertura midiática ao esporte olímpico brasileiro. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 34, **Anais...** Recife: 2-6/set/2011.





MEZZAROBA, C.; PIRES, G. L. O agendamento midiático-esportivo: considerações a partir dos Jogos Pan-americanos Rio/2007. **Logos (UERJ. Online)**, v.33, p.124 - 136, 2010.

MEZZAROBA, C.; MESSA, F. C.; PIRES, G. L. Quadro teórico-conceitual de referência: megaeventos e o agendamento midiático-esportivo. In: PIRES, G. L.(org.). **O Brasil na Copa, a Copa no Brasil**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011.

PIRES, G. L. **Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí; Ed. UNIJUI, 2002.

\_\_\_\_\_. Cultura esportiva e mídia: abordagem crítico-emancipatória no ensino de graduação em Educação Física. In: BETTI, M. (Org.). **Educação Física e Mídia: novos olhares, outras práticas**. São Paulo: Hucitec, 2003.

\_\_\_\_\_. Cultura Esportiva (verbete). In: GONZALES, F.; FENSTERSEIFER, P.E. (orgs.). **Dicionário crítico da Educação Física**, 2 ed., revisada e ampliada. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2014.

SILVA, F. M. Jornalismo esportivo como área específica na televisão: o pacto sobre o papel do jornalismo no Globo Esporte e Bate-Bola. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28, **Anais...** Rio de Janeiro, 5-9/9/2005.

SILVA, M. R.; PIRES, G. L. Os “Negócios Olímpicos” de 2016 no Brasil: “o esporte pode tudo”? (Editorial). **Motrivivência**, Florianópolis, ano XXI, nº 32/33, p. 09-15, jan-dez./2009.

VIDAL, D. M. M. Notícias de interesse público e de interesse do público: a possibilidade de convergência desses interesses. Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 12, **Anais...** Goiânia/GO, 27-29/maio/2010.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**, 6 ed. Lisboa: Presença, 2001.